

PENA NA MÃO, OLHOS NA RUA, CIDADE(S) NAS FOLHAS: RIO DE JANEIRO NAS CRÔNICAS DE LIMA BARRETO E OLAVO BILAC (1900-1920)

QUILL IN HAND, EYES ON THE STREET, CITY IN PAPERS: RIO DE JANEIRO ON THE CHRONICLES OF LIMA BARRETO AND OLAVO BILAC (1900-1920)

Radamés Vieira Nunes¹

Resumo:

Este trabalho tem como objetivo principal pensar, a partir dos cronistas Olavo Bilac e Lima Barreto, as concepções de cidade criadas em torno do Rio de Janeiro, que circulavam nas folhas cotidianas da imprensa, através das crônicas, durante as duas primeiras décadas do século XX, especialmente as que se referem ao desejo de colocar o Rio de Janeiro em sintonia com as metrópoles consideradas modernas.

Palavras-chave: Rio de Janeiro, Jornalismo, Cronistas.

Abstract:

This project has as the main purpose thinking about, from Olavo Bilac and Lima Barreto, the conception of city created around Rio de Janeiro which goes around daily in the press, through chronicles during the first two decades of the twentieth century. particular those conceptions refered to the desire in putting Rio de Janeiro in line with metropolises considered modern.

Keywords: Rio de Janeiro, Journalism, Chronicle

¹ Mestre em História pela UFU – Universidade Federal de Uberlândia e professor substituto na Universidade Federal de Goiás – Campus Catalão. E-mail: radamesnunes@yahoo.com.br

Quando pensamos no embelezamento do Rio de Janeiro no início do século XX, temos sempre a tendência a acreditar que a cidade foi influenciada pela França, mais precisamente, por Paris. Somos levados a cair numa linha de reflexão que elege o mimetismo como a melhor explicação para o momento histórico. Confessamos que é um desafio para nós encarar a reurbanização do Rio de Janeiro por outro viés. Na leitura das crônicas, especialmente nas de Olavo Bilac, pela quantidade de vezes que a França aparece, quase sempre citada como o lugar-exemplo, onde a cultura e a arte estão em sua mais perfeita expressão, somos tentados a perseguir a idéia de que o Rio de Janeiro copiou a reforma urbana parisiense.

Não desconsideramos, contudo, que a França tenha sido um país importante no processo de reurbanização do Rio de Janeiro, certamente foi um dos lugares mais observados pelos reformadores. Muitos deles, como o próprio Francisco Pereira Passos, tiveram formação francesa e acompanharam de perto a reforma urbana européia, principalmente a dirigida por Haussmann, entre 1853 e 1870. No entanto, afirmar que o Rio de Janeiro foi influenciado pela reforma francesa, como o modelo único e ideal a ser seguido,

é uma conclusão aprisionada a uma teoria explicativa que apenas contribui para minimizar o debate sobre o fato histórico. Portanto, pretendemos não cometer o equívoco de nos seduzir por esse engodo, porque cremos que a noção de influência implica uma passividade e impotência do Rio de Janeiro em relação à França, que retrata o Brasil como um país sem originalidade que se desenvolveu lentamente, seguindo os passos das inovações dos países europeus.

Sendo assim, optamos por perseguir a idéia de sintonia, ou seja, a busca de sintonia dos reformadores com os projetos ocidentais de civilização. A busca por se equiparar a noção de progresso em discussão foi importante para conceder ao Rio de Janeiro os elementos necessários para inseri-lo no rol das grandes metrópoles. O estudo feito por Myriam Bahia Lopes, no livro *Rio em Movimento* (LOPES, 2000, p. 76), sobre a Campanha pela Vacinação e a Revolta da Vacina, chama-nos a atenção para a noção de sintonia do Brasil com outros países. Esses fatos estavam diretamente ligados à intenção de mudar a imagem do Brasil para o mundo e também vinculados à reforma urbana implantada no Rio de Janeiro, já que um de seus pilares de sustentação era a higienização da cidade. A autora mostra-nos que,

no caso da campanha pela vacinação, não se tratava de uma imitação brasileira, ou de um fato isolado no país, mas era uma discussão em diversas nações, demonstrando que também foi uma tendência, ou seja, uma sintonia simultânea com outros países.

Nessa mesma direção, a autora Maria Tereza Chaves de Mello nos dá uma contribuição importante ao sugerir que o Brasil buscava através das “idéias novas” se adequar à civilização, colocando o país no “nível do século” (MELLO, 2007, p.121). Os reformadores e intelectuais, no final do século XIX e início do século XX – para inserirem a cidade do Rio de Janeiro e o país na modernidade urbana – tinham outras cidades em vista; todavia, não para se sujeitarem ao mimetismo puro e simples, mas para discutirem e fazer analogias de umas com outras, visto que, através dessas comparações, a cidade começava a se perceber e a se ver, entre outras representações possíveis, como um lugar de atraso.

Nesse contexto, a idéia que ganha força após a consolidação da República e do aceleração do ritmo de vida da sociedade carioca é que, apesar de ser a Capital do Brasil e centro cosmopolita, o Rio de Janeiro ainda matinha feições de uma cidade colonial, com

ruas estreitas, traçado irregular, prédios velhos, enfim, uma estrutura urbana supostamente incompatível com o que ela representava. Diante dessa sensação de atraso, tornou-se então necessária a remodelação da cidade, com os aparatos da modernidade que a inserissem no mundo civilizado, criando, assim, uma imagem de credibilidade ao país diante dos olhos do mundo. A implementação do projeto modernizador surgiu para fazer o Rio de Janeiro acompanhar o progresso, ajustando-se aos seus paradigmas.

Após o período de exílio e das amargas experiências com o governo florianista, a militância política de Olavo Bilac cedeu espaço para o combate em favor da remodelação urbana do Rio de Janeiro, e a cidade de Belo Horizonte foi umas das primeiras cidades a ser citadas pelo cronista como exemplo a ser observado para o Rio de Janeiro “acertar o passo” em suas transformações (BILAC, 1987). Belo Horizonte é tomado pelo cronista como um exemplo de ousadia, ele apresenta as novidades da nova capital mineira aos cariocas com admiração, exaltando o feito. Não se tratava de uma cidade da América do Norte ou da Europa, era uma Cidade brasileira, talvez mais limitada do que a Capital Federal, mas que já tinha saído na frente na

corrida rumo ao progresso. Belo Horizonte se consolidou como o exemplo mais próximo que demonstrou a possibilidade de fazer do Rio de Janeiro uma capital moderna para os moldes da época.

A rapidez com que se desenvolveram as obras foi um dos pontos destacados pelo cronista ao comentar sobre a cidade mineira, a velocidade com que tudo foi feito dava a autenticidade de milagre à realização. Milagre este que os dirigentes do Rio de Janeiro buscavam para a cidade. Olavo Bilac parece utilizar a crônica não apenas para informar, mas para convencer da capacidade de transformar o Rio de Janeiro em um curto espaço de tempo. Além da velocidade, o que constitui o milagre descrito na crônica é o surgimento da cidade moderna. Diante disso, podemos nos perguntar, quais são os sinais, os paradigmas que tornam determinado espaço numa cidade moderna? De acordo com Olavo Bilac, o que caracteriza a cidade moderna são as “*largas avenidas*” e os “*palácios soberbos*”.

Ainda que Paris fosse pioneira na transformação urbana, não se tratava de copiar a França, mas sim de implementar, na cidade do Rio de Janeiro, aquilo que é considerado como moderno e sinal de progresso, desenvolvimento e civilização. Naquele momento, o que

arrancaria a cidade da identificação com o período colonial e com o atraso, ajustando-a ao presente, era a abertura de largas avenidas ladeadas de edifícios, com as modernas técnicas da engenharia. Era essa a condição para criar um *nobre salão de visitas*.

Outra cidade importante como exemplo para a reformulação urbana do Rio de Janeiro foi Buenos Aires, capital da Argentina que, desde aquela época, já rivalizava com o Brasil pela posição de maior potência da América Latina. Numa visita que fez a Buenos Aires, como integrante da comitiva do presidente Campos Sales, Olavo Bilac escreveu uma crônica falando sobre a cidade:

Quando leres isto, Sebastianópolis, não cubras com indignação a face, não dês punhadas de ira na cabeça, não te rojes no chão acoimando de ingrato este pobre filho sincero! Ama-te ele assim mesmo, desleixada e feia; nem todas as avenidas e todos os boulevards da Europa e da América poderão jamais ter para ele o encanto daquela triste esburacada rua da Vala que ouviu os seus primeiros vagidos. Mas justamente porque tanto te ama, é que teu filho deve ter o direito de te dizer, entre dous beijos, que a vizinhança de Buenos Aires é uma

vergonha para ti, adorada Sebastianópolis...

Quem te disse que és a primeira Capital da América do Sul zombou da tua ingenuidade e injuriou duramente os teus cabelos brancos; mais te ama e muito mais digno é a tua gratidão quem francamente te diz que és uma cidade de pardieiros, habitada por analfabetos. Ah! Quando um dia, do seu fecundo, surgir o homem fadado para reformar-te, o Torenato de Alvear designado pelo destino para o mister glorioso de te curar a lazeira e de te infundir novo sangue, e então tu serás a primeira capital, já não da América do Sul, mas de todo o mundo; e os teus filhos de então, vendo, nos álbuns de arte retrospectiva, as tuas ruas e as tuas casas de hoje, perguntarão assombrados como pode um povo viver por tanto tempo atolado em tão torpe inércia! (...) Quando Alvear quis realizar o seu sonho radiante, não houve casmurrice apatacada que ousasse opor-se ao soberano poder da sua vontade. Foi um prodígio, foi uma loucura, uma dessas abençoadas loucuras que são cem mil vezes mais úteis do que todo o bom senso (...). para construir o Porto Madero, aquele assombroso porto (...) consumiram-se trita e seis milhões de pesos ouro. (...) todas as velhas casas coloniais caíram, e não houve juiz que desse mandado

de manutenção aos proprietários de pocilgas; as ruas alargaram-se, os palácios surgiram como por encanto do solo, a vontade do homem venceu a apatia da terra. (BILAC, 1900)

A linguagem forte e agressiva utilizada pelo cronista era uma forma de demonstrar a urgente necessidade de mudança na Capital do Brasil. Sem rodeios, ele teceu louvores à nova capital platina, que também havia adentrado em sintonia com as demais metrópoles modernas, com suas largas avenidas, belos palácios e praças. A descrição é feita com o intuito de reforçar a identificação da cidade carioca com o atraso. Através da comparação da capital platina com o Rio de Janeiro, o cronista, com tom de vergonha, sentimento que queria deixar em seus leitores, diagnosticou a condição estática de “Sebastianópolis”, como se ela houvesse parado no tempo. Para Olavo Bilac, a causa da vergonha “é que nós, filhos da mesma raça e do mesmo momento histórico com muito mais vida, com muito mais riqueza (...) ainda temos por capital da República, em 1900, a mesma capital de D. João VI em 1808 – isso é que dói como uma afronta, isso é o que revolta como uma injustiça.” (BILAC, 1900). Ele achava compreensível o fato de o Rio de Janeiro não

acompanhar a elegância das cidades européias, não se conformando com o fato de o Rio de Janeiro ainda não ter os traços de uma cidade moderna, enquanto cidades de outros países da América do Sul já os tinham.

Olavo Bilac, militante da reformulação urbana, menciona todas essas capitais para demonstrar que as cidades estavam se modernizando e que o Rio de Janeiro estava ficando para trás, ainda muito aquém da tendência internacional. Bilac não queria ser uma cópia de Paris; ele apenas mostrou que a reforma urbana, pautada no saneamento e embelezamento, não era exclusividade de cidades européias, mas de qualquer outra que se empenhasse em tal projeto. A remodelação do Rio de Janeiro não haveria de ser muito diferente da que foi realizada nos outros países, pois o objetivo era impressionar, causar a sensação de mudança e modernidade. A melhor fórmula para despertar esses sentimentos era pautar as reformas nos modelos que circulavam na imprensa carioca, familiarizando a população com os símbolos e sinais do progresso modernizador.

Outra cidade também comparada, por Bilac, ao Rio de Janeiro foi a cidade de São Paulo:

Há três anos, mandava eu de S. Paulo, à Gazeta, uma crônica, em que confessava o meu espanto e a minha admiração pelo progresso que fora encontrar na capital paulista. E, naturalmente, cotejando o que lá via com o que aqui deixara, escrevi palavras que não podiam ser de leite e ambrosia para o paladar do Rio de Janeiro... a verdade é que a minha revolta era grande: eu não podia perceber como a pequena cidade de S. Paulo, muito menos rica e muito menos importante do que a do Rio de Janeiro, ganhava sobre esta uma tão incontestável supremacia de formosura e de higiene. Esse contraste entre o S. Paulo e o Rio afligia-me ainda mais do que o contraste entre o Rio e Buenos Aires. Não se tratava já de duas cidades de origem diferente e de diferente fortuna: tratava-se de duas irmãs, filhas dos mesmos pais, falando a mesma língua, alimentadas pelo mesmo sangue, e tão dessemelhantes na sorte: uma pompeando em louçanias e galas, indo a bailes e folguedos, arreada de alfaias e jóias – enquanto a outra, mísera Gata Borralheira, ficava, maltrapilha e descalça, na trapeira sórdida, à espera de um príncipe encantado que não aparecia.

Quem vê o Rio, há três anos, maltratado e sujo, (...) com as suas tristes vielas povoadas de cachorros va-

gabundos, e quem agora o vê, com as novas avenidas em via de edificação, (...) com as ruas alargadas e enchendo-se de edificações elegantes, com a variedade dos novos tipos de calçamento adotados, - reconhece sem dificuldade que, neste curto espaço de tempo, muito mais se fez aqui, do que em S. Paulo num espaço de tempo três vezes maior. Daqui a pouco tempo, dentro de dois anos, quando a Avenida Central e a Avenida Beira-Mar estiverem concluídas; quando o Rio de Janeiro se encher de carruagens e de automóveis; quando começarmos a possuir a vida civilizada e elegante que Buenos Aires já há tantos anos possui, - também nessa época já nos não lembraremos do era a nossa vida tediosa e vazia. (BILAC, 1905)

A reforma era apresentada não como desejo de luxo ou capricho da alta sociedade, mas como uma prioridade irrevogável, indispensável para a sobrevivência da cidade como capital. Olavo Bilac não estava dividido entre projetos de intervenção urbana na cidade, sequer mencionava a possibilidade de outros projetos, sua defesa ao projeto reformista de Pereira Passos, em sintonia com as reformas urbanas de outras cidades, aparecia como a única alternativa para os problemas enfrentados. Ela era a exclusiva solução que ajustaria

o Rio de Janeiro ao novo século. No entanto, isto não significa que não havia outras propostas que rivalizavam com os parâmetros do projeto vencedor, certamente havia outras possibilidades de intervenção na cidade carioca, quem sabe não muito adequadas à tendência da época e às conveniências do estado. Para investigar os projetos vencidos, seria necessário outro estudo.

O escritor Lima Barreto não comungava dos mesmos ideais defendidos por Olavo Bilac porque não se via como atrasado, nem como bárbaro e nem condenava os mesmos símbolos combatidos pelo discurso reformador. Ao que parece, não defendia nenhum outro tipo de projeto para a cidade do Rio de Janeiro, apesar de deixar algumas sugestões e opiniões em suas crônicas sobre como os reformadores deveriam agir. Por exemplo, ao invés de criar o Teatro Municipal, fazer pequenos teatros em todas as regiões da cidade, especialmente nos subúrbios. Era mais um crítico do modelo vencedor que propriamente defensor de um outro projeto qualquer. Através de sua colaboração para o jornalismo carioca, também podemos observar como a idéia de sintonia moveu as intervenções urbanas no Rio de Janeiro.

Sobre a rivalidade entre a Capital do Brasil e a

Capital Argentina e a tentativa desta primeira em superar a segunda, Lima Barreto diz:

Porque o Senhor Rio Branco, o primeiro brasileiro, como aí dizem, cismou que havia de fazer do Brasil grande potência, que devia torná-lo conhecido na Europa, que lhe devia dar um grande exército, uma grande esquadra, de elefantes paralíticos, de dotar sua capital de avenidas, de boulevards, elegâncias bem idiotamente binoculares e toca a gastar dinheiro, toca a fazer empréstimos; e a pobre gente que mourejava lá fora, entre a febre palustre e a seca implacável, pensou que aqui fosse o Eldorado e lá deixou as suas choupanas, o seu sapé, o seu aipim, o seu porco, correndo ao Rio de Janeiro a apanhar algumas moedas da cornucópia inesgotável.

A obsessão de Buenos Aires sempre nos perturbou o julgamento das coisas. A grande cidade do Prata tem um milhão de habitantes; a capital da Argentina tem longas ruas retas; a capital Argentina não tem pretos; portanto, meus senhores, o Rio de Janeiro, cortado de montanhas, deve ter largas ruas retas; o Rio de Janeiro, num país de três ou quatro grandes cidades, precisa ter um milhão; o Rio de Janeiro, capital de um país que recebeu durante quase três séculos milhões

de pretos, não deve ter pretos. E com semelhantes raciocínios foram perturbar a vida da pobre gente que vivia a sua medíocre vida aí por fora, para satisfazer obsoletas concepções sociais, tolas competições patrióticas, transformando-lhe os horizontes e dando-lhe inexequíveis esperanças. (BARRETO, 1915)

Como podemos observar, Lima Barreto também oferece indícios para que possamos pensar na questão da busca pela sintonia com os paradigmas do progresso e modernidade. Embora sendo sua perspectiva oposta a de Olavo Bilac, ele aponta a obsessão dos governantes em criar uma imagem do Rio de Janeiro de metrópole moderna, para mostrar ao mundo que a Capital Federal do Brasil não deixava nada a desejar aos países mais desenvolvidos. Nessa crônica, sua reclamação é específica em relação à tentativa de acompanhar as mudanças de Buenos Aires. O que clarifica a Argentina como um dos países observados pelos Reformadores republicanos, na busca pela sintonia.

O cronista afirmava, como vimos na crônica, que tudo não passava de uma rivalidade patriótica com Buenos Aires, mas não se tratava apenas disso, o que estava em jogo era sim acertar o passo com outros pa-

ises que apresentaram ao mundo ocidental metrópoles modernas, através da adesão dos símbolos expressos no espaço urbano. A tendência de Lima Barreto, como bem sabemos, era de negativizar as pretensões do governo, não seria diferente em relação ao desejo que os dirigentes tinham de colocar o Rio de Janeiro no rol das cidades modernas. Interessante notar que nessa crônica há uma crítica indireta a Olavo Bilac, pois Lima Barreto ironiza a intenção de se criar avenidas, elegância e um grande exército para fazer do país uma potência. A crônica foi escrita em 1915 e foi justamente nesse ano que Olavo Bilac iniciou a campanha pela defesa nacional com a criação de um grande exército e do serviço militar obrigatório.

Lima Barreto, como era contra a idéia de se equiparar às outras cidades, condenou as reformas desde Pereira Passos a Carlos Sampaio, pois acreditava que elas descaracterizavam o Rio de Janeiro, visto que a paisagem, o clima, as pessoas, a natureza e a experiência histórica eram diferentes. Para ele, a cidade tinha sua própria fisionomia que estava sendo destruída pouco a pouco pelas reformas implantadas, tornando o Rio de Janeiro parecido com outras cidades. O cronista não aceitava que os mesmos símbolos de progresso

e modernidade fossem plantados em lugares absolutamente diferentes. Nesse sentido, ele escarnecia as construções feitas com estilo dos Estados Unidos:

O nosso gosto, que sempre teve um estalão equivalente à nossa própria pessoa, está querendo passar, sem um módulo conveniente, para o do gigante Golias ou outro qualquer de sua raça. A brutalidade dos Estados Unidos, a sua grosseria mercantil, a sua desonestidade administrativa e o seu amor ao apressado estão nos fascinando e tirando de nós aquele pouco que nos era próprio e nos fazia bons. É por imitação, por má e sórdida imitação dos Estados Unidos, naquilo que têm de mais estúpido – a brutalidade. Entra também um pouco de ganância, mas esta é a acorçoada pela filosofia oficial corrente que nos ensina a imitar aquele poderoso país. O rio de janeiro não tem necessidade de semelhantes cabeças de porco, dessas torres babilônicas que irão enfeá-lo, e perturbar os seus lindos horizontes. Imploremos aos senhores capitalistas para que abandonem essas imensas construções, que irão, multiplicadas, impedir de vermos os nossos purpurinos crepúsculos do verão e os nossos profundos céus negros do inverno. As modas dos americanos que lá fiquem com eles; fiquemos nós

com as nossas que matam menos e não ofendem muito à beleza e à natureza. Sei bem que essas considerações são inatuais. Vou contra a corrente geral, mas creiam que isso não me amedronta.(BARRETO, 1917)

O cronista criticava duramente a construção de prédios imensos para a época, chamando de imitação o que nós estamos denominando sintonia. Chamou de imitação justamente porque sua intenção era depreciar os prédios criados conforme um modelo supostamente norte-americano. Comparava os edifícios com um dos mais famosos cortiços do Rio de Janeiro, chamado “Cabeça de Porco”, que era dividido por tapumes de madeira e habitado por centenas de pessoas (AZEVEDO, 1978). Os prédios, segundo o cronista, eram desnecessários a uma cidade como Rio. Todavia, podemos notar que no final da crônica, Lima Barreto considera que os edifícios, ao gosto norte americano, eram, naquele momento, símbolos de grandeza e poder. Era a tendência do período, a cidade corria para acertar o passo com o progresso, no entanto, Lima Barreto optava por remar contra a maré.

Numa crônica escrita para a *Gazeta da Tarde*, em 1911, Lima Barreto comenta a demolição do Convento de Nossa Senhora da Conceição, mais conhecido

como Convento da Ajuda, inaugurado em 1750. Após anos, o convento se tornou impróprio diante das exigências urbanísticas do Rio de Janeiro e foi demolido em 1911 para dar lugar a um Hotel de luxo, que nunca foi construído. Diante da ameaça da demolição, o cronista se manifestou:

Eu sorri de tão santa crença, porque, se o convento da ajuda não é tão bonito como o Teatro Municipal, tanto um como outro não são belos. A beleza não se realizou em nenhum dos tais edifícios daquele funil elegante: e se deixo o Teatro Municipal, e olho o Club Militar, a monstruosa Biblioteca, a Escola de Belas-Artes, penso de mim para mim que eles são bonitos de fato, mas um bonito de nosso tempo, como o convento o foi dos meados do nosso século XVIII. Naquele tempo (...) quando ele ficou mais ou menos pronto, se já houvesse jornais, certamente eles falaria no lindo e importante edifício com que ficou dotada a leal e heróica cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. Falaria com o mesmo entusiasmo com que nós falamos ao se inaugurar o teatro do doutor Passinhos. Decorreram cento e cinquenta anos e nós ficamos aborrecidos com o tal lindo edifício. O bonito envelhece, e bem depressa; e eu creio que, daqui a

cem anos, os estetas urbanos reclamarão a demolição do Teatro Municipal com o mesmo afã com que os meus contemporâneos reclamaram a do convento.

(...) Estavam convencidos de sua fealdade, da necessidade do seu desaparecimento, para que o Rio se aproximasse mais de Buenos Aires. A capital da Argentina não nos deixa dormir. Há conventos de fachada lisa e monótona nas suas avenidas? Não. Então o casarão deve ir abaixo. Se ao menos, fossemos levantar ali um Louvre, um palácio de Doges, alguma coisa de belo e grandioso arquetonicamente, era de justificar todo esse encantamento que vai pelas almas dos estetas; mas, para substituí-lo por um hediondo edifício americano, enorme, pretensioso e pífio, o embelezamento da cidade não será grande e a satisfação dos nossos olhos não há de ser de natureza altamente artística. (BARRETO, 1911)

Mais uma vez, o cronista deixou clara a sua oposição ao desejo de sintonia tanto com Buenos Aires quanto com Nova York. O Convento da Ajuda era, até 1911, o único prédio do período colonial que resistira às demolições feitas na Avenida Central. No *funil*

elegante, via-se o prédio do Convento da Ajuda em completa desarmonia com as outras edificações. Ao que parece, o motivo da sua permanência foi o elevado preço exigido para sua desapropriação, o que fez Pereira Passos e Frontin recuarem.

Lima Barreto explicou o motivo da sua desconfiança em relação ao desejo de acompanhar a esteira do progresso e da modernidade. Para ele, por mais que se corresse, jamais se alcançaria a plena satisfação ao alvo desejado, pois o que era belo e sofisticado, logo deixaria de ser. Para Lima Barreto, o moderno se renovava constantemente na esteira do progresso, tudo é provisório. O progresso é a tentativa de inscrever o futuro no presente, é a busca obsessiva em se atualizar com o amanhã, ainda que o amanhã não fosse o que se está vivendo hoje. É como se o Rio de Janeiro estivesse em uma corrida sem ponto de chegada. A demolição do Convento Ajuda representava a insaciável ambição em se atualizar com os paradigmas do progresso. O convento, que havia sido aclamado no século XVIII, foi condenado aproximadamente 150 anos depois; Lima Barreto, como uma espécie de profeta, anunciou que após algumas décadas as edificações louvadas pelas reformas perderiam o encanto e seriam demolidas,

assim como aconteceu com o Convento da Ajuda.

A idéia de sintonia está expressa também numa outra perspectiva para além da reformulação urbana: a criação de um herói responsável pelo desenvolvimento e progresso da sociedade. Cria-se a imagem de um homem destemido que, com sua coragem e ousadia, transforma o sonho da humanidade em realidade. É assim que Francisco Pereira Passos aparece nas crônicas bilaquianas. Numa crônica publicada na *Gazeta de notícias*, o cronista compara os reformadores ao D. Quixote da epopéia de Cervantes:

Sancho Pança é apenas o Bom Senso. E se o Bom Senso sempre houvesse governado o mundo, a humanidade ainda estaria hoje tão adiantada como no tempo dos merovíngios. O bom senso é a prudência, a cautela, a paciência; mas é também a casmurrice, o amor do preconceito, o ódio do progresso. D. Quixote é o Ideal. Se ele não tivesse, de quando em quando, metido a reformador, não haveria a estrada de ferro, a lâmpada elétrica, o telégrafo, a máquina a vapor; não haveria a Divina Comédia, os dramas de Shakespeare, a Legenda dos séculos. O ideal pode ser, às vezes, a precipitação, a imprudência, a loucura: mas é sempre o progresso, a in-

venção, a beleza, a iniciativa, o desejo de perfeição. D. Quixote foi o Barão de Haussman que reformou Paris; D. Quixote foi o Marquês de Pombal que das cinzas de uma Lisboa medonha arrancou uma Lisboa airosa; D. Quixote foi o grande Alvear que criou Buenos Aires! D. Quixote foi o espírito Yanke que em menos de um século encheu de cidades maravilhosas todo o território dos Estados Unidos.

Mais vale ser D. Quixote, e morrer apedrejado, empalado, queimado vivo, enforcado e estraçalhado por ter amado a limpeza e a beleza, do que ser Sancho Pança, e morrer de velhice por ter respeitado o preconceito e por ter amado o atraso. (BILAC, 1903-1904)

Como podemos notar, o prefeito Pereira Passos aparece como um mito. Como o desbravador determinado que, mesmo diante das críticas e oposições, luta para alcançar sua meta de modernizar a cidade. O prefeito nomeado por Rodrigues Alves é colocado no mesmo patamar que outros reformadores, todos representando soluções para os seus respectivos países. As qualidades, dificuldades, atitudes de Pereira Passos são tomadas por Olavo Bilac sempre em relação a Torquato Alvear, Rosa de Araújo, Haussmann, Antonio Pra-

do; como se isso fosse capaz de legitimar todas as suas ações ou justificar a descrença que muitos tinham no início e durante a reforma. Tal relação era como dizer que todos os grandes enfrentaram os mesmo obstáculos e venceram, assim como Pereira Passos venceria. O cronista não faz alusão a nenhuma espécie de hierarquia entre eles, pelo contrário, apresenta-os numa condição de igualdade e semelhanças, cada um agindo a sua maneira em seu contexto, mas todos querendo colocar seu país em sintonia com os paradigmas do progresso.

Enfim, Lima Barreto e Olavo Bilac não viveram o Rio de Janeiro da mesma maneira; suas concepções ora se combinavam, mas quase sempre divergiam; como homens de letras, e ao mesmo tempo “homens sanduíches”, criaram e venderam imagens diferenciadas sobre a cidade carioca. Lima Barreto com uma visão mais apocalíptica, e Olavo Bilac com uma perspectiva mais integrada, buscavam a adesão apelando para a emoção, pela emotividade, no intuito de atrair leitores à suas formas de pensar e viver o espaço urbano em sua desesperada busca por sintonia.

FONTES

BARRETO, Lima. Crônica. In. *Correio da Noite*. 26/01/1915. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

BARRETO, Lima. Crônica. In. *Gazeta da Tarde*. Rio de Janeiro, 21/07/1911. Acervo Periódicos Raros - Fundação Biblioteca Nacional.

BARRETO, Lima. Crônica. In *Revista da Época*. Rio de Janeiro, 20/07/1917. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

BILAC, Olavo. Crônica. In. *Gazeta de notícias*. Rio de Janeiro, 19/12/1897. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

BILAC, Olavo. Crônica. In. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 18/11/1900. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

BILAC, Olavo. Crônica. In. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 04/01/1903. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

BILAC, Olavo. Crônica. In. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 13/12/1903 – 08/06/1904. Acervo Periódico-

cos - Fundação Biblioteca Nacional.

BILAC, Olavo. Crônica. In. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 15/01/1905. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Aluísio. *O Cortiço*. 6ª ed. São Paulo: Ática, 1978.

CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CRUZ, Heloisa de Faria. *São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana 1890-1915*. São Paulo: Edusp/Fapesp, 2000.

DIMAS, Antonio. (org.). *Vossa insolência*: São Paulo: Cia das letras, 1996. (Coleção “Raízes do Brasil”, vol.6).

GOMES, Renato Cordeiro. *Todas as cidades, a cidade: literatura e experiência urbana*. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

LOPES, Myriam Bahia. *O Rio em movimento: quadros médicos e(m) história 1890-1920*. Rio de Janeiro: Editora FioCruz, 2000.

MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tânia Regina de. *Imprensa e cidade*. São Paulo: Unesp, 2006.

MELLO, Maria Tereza Chaves de. *A república consentida: cultura democrática e científica do final do império*. Rio de Janeiro: Editora FGV: Editora Edur, 2007.

RESENDE, Beatriz; VALENÇA, Rachel (orgs.). *Lima Barreto: Toda Crônica: Volume I (1890-1919)*. Rio de Janeiro, Agir, 2004.

Artigo recebido em: 16/09/2009

Aprovado para publicação em: 23/10/2009